

LETRAMENTO PARA SURDOS: O QUE PENSAM PROFESSORES DE SALAS BILÍNGUES?

Zenilza Maria Ferreira de Lima¹
Maria Luíza Nascimento Carneiro²
Wilma Pastor de Andrade Sousa³

RESUMO

As salas bilíngues para estudantes surdos surgiram dentro de um contexto de educação bilíngue no qual a abordagem educacional utilizada pelo professor respeita e atende às peculiaridades educacionais dos indivíduos surdos. Logo, o objetivo deste trabalho é analisar qual a concepção dos professores de salas regulares bilíngues para surdos sobre letramento nas séries iniciais do ensino fundamental. A pesquisa foi realizada em duas salas regulares bilíngues da rede municipal do Recife, e teve como participantes duas professoras bilíngues. Os dados foram coletados mediante entrevista semiestruturada e apontam para o fato de que as professoras entrevistadas demonstraram ter clareza acerca de letramento para surdos, uma vez que elas destacaram a importância da língua de sinais como primeira língua no processo de letramento.

Palavras-chave: Letramento, Surdos, Professores, Salas Bilíngues.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 80 o Bilinguismo está sendo uma abordagem educacional difundida nas escolas com o apoio das leis e políticas públicas que implantaram a inclusão da rede regular de ensino (ARANTES; PIRES, 2012). Além disso, está embasado na aquisição da língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua oficial do país como segunda (L2).

O interesse por essa temática surgiu quando passamos a fazer parte em 2018.2, do Projeto de Residência Pedagógica, intitulado: “Práticas de Letramento para Estudantes Surdos na Perspectiva Bilíngue”, organizado pela professora Wilma Pastor, docente orientadora.

Através de leitura e discussões de textos nessa área, aproximamo-nos ainda mais do tema, percebendo o quanto é essencial a didática do professor para trazer a realidade de mundo aos discentes Surdos. Essa inquietação nos conduziu ao interesse em saber o que as professoras

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, z_ferreira@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, marialuizanascimentocarneiro@gmail.com

³ Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, wilmapastor@gmail.com

de salas bilíngues pensam sobre o processo de letramento de estudantes Surdos nas séries iniciais do ensino fundamenta.

Assim, esse estudo tem como objetivo principal analisar qual a concepção dos professores de salas regulares bilíngues para Surdos sobre letramento nas séries iniciais do ensino fundamental, além de traçar o perfil de professores lotados em salas regulares bilíngues para Surdos.

Para isso, a pesquisa foi realizada em duas salas regulares bilíngues para Surdos da rede municipal do Recife. Participaram do estudo duas professoras bilíngues. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada. Ambas as voluntárias participantes afirmaram que a Libras é fundamental no processo de letramento para Surdos, isso mostra que as docentes têm conhecimento de como se trabalhar o letramento com esses estudantes. Elas sabem que o ponto de partida para o letramento com Surdos é uma língua acessível e adquirida naturalmente, como a língua de sinais. Os dados revelam a importância de o professor ter fluência na Libras para trabalhar o letramento com estudantes Surdos, já que ela serve de base nesse processo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, tendo como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada realizada individualmente com cada docente voluntário, na sala de aula deles, no horário do intervalo. Optamos por esse tipo de entrevista porque, segundo Manzini (1991, p. 154), “a entrevista semiestruturada está centrada em um determinado tema sobre o qual construímos um roteiro com questionamentos essenciais, completadas por outras perguntas intrínsecas às situações efêmeras à entrevista.

O presente estudo foi realizado em duas salas regulares bilíngues da rede municipal do Recife, e contou com a participação de duas docentes ouvintes bilíngues, as quais chamaremos de D1 e D2.

Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo orientada por Bardin (2011).

DESENVOLVIMENTO

A maioria dos indivíduos Surdos, cerca de 90%, são filhos de pais ouvintes e têm acesso tardio à Língua Brasileira de Sinais – Libras (GOLDFELD, 2011). Esse fato implica na

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

comunicação entre o filho com surdez e sua família ouvinte, dificultando a inserção do Surdo em práticas de socialização e estruturação de conhecimento. Podendo ocasionar em atraso de linguagem, além disso, a limitação ao acesso da Libras pode prejudicar o desenvolvimento cognitivo do Surdo, já que todos nós necessitamos de uma língua que seja adquirida naturalmente para que possamos pensar e planejar, essa língua para os Surdos de modo geral é a língua de sinais.

Segundo Goldfeld (2011), podemos afirmar que, a visão relacionada aos Surdos era negativa e, em relação à educação formal, teoricamente não existia. Eles eram enxergados como pessoas castigadas pelos deuses ou enfeitiçados, como também, com piedade e compaixão. Percebemos que, tal sentimento ainda persiste em permanecer arraigado em alguns indivíduos.

Apenas no século XVI surgiram os primeiros educadores para Surdos, como o monge beneditino Pedro Ponce de León (1520-1584), que ficou conhecido como o primeiro educador para Surdos (GOLDFELD, 2003). Entretanto, o desenvolvimento em relação à educação dos Surdos surgiu com o abade francês Charles Michel de L'Épée (1712-1789), educador que se disponibilizou em aprender a língua de sinais um dos primeiros que defendeu o uso da mesma.

No processo de educação do Surdo há três abordagens que se destacam: o Oralismo que tem como objetivo integrar a criança Surda na sociedade de ouvintes; a Comunicação Total que visa a garantir a comunicação dos Surdos e, por fim, o Bilinguismo, que tem como objetivo que o Surdo adquira a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua oficial do país como segunda (L2).

De acordo com Brito (1993), a língua de sinais no Bilinguismo é definida como essencial para o desenvolvimento do Surdo em qualquer área de conhecimento, possibilitando além da comunicação, exercer e incentivar o desenvolvimento cognitivo e social.

Nessa perspectiva, Quadros (2008) relata que:

Quanto às formas de bilinguismo existentes em termos de educação de surdos, pode-se citar duas básicas: uma delas envolve o ensino da segunda língua quase de forma concomitante à aquisição a primeira língua e a outra caracteriza-se pelo ensino da segunda língua somente após a aquisição da primeira língua. (QUADROS 2008, p.30)

Para Sousa (2014), o Bilinguismo não está atrelado apenas ao ensino de duas línguas, trata-se de algo muito amplo, a autora esclarece que:

O Bilinguismo não só respeita a língua dos sujeitos surdos, como também considera outros aspectos que influenciam diretamente na educação desses sujeitos, como a construção de uma identidade saudável e uma cultura pautada na língua em uso, promovendo um ambiente educacional e um ensino-aprendizagem acessíveis e com melhores condições. (SOUSA, 2014, 38 e 39)

A educação bilíngue é direito do Surdo, garantido na meta 4.7 do Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024), mas sabemos que o acesso a essa educação desde cedo ainda não é uma realidade. Santoro (1996) afirma que o estágio crítico da vida da criança Surda e de seus familiares e responsáveis são os anos pré-escolares. Dessa forma, o intuito da escola seria habilitar a criança em linguagem expressiva e receptiva o mais cedo possível.

Encontra-se em crescimento a quantidade de alunos Surdos inseridos em salas de ouvintes nas escolas regulares (MELETTI; BUENO, 2010) e, os mesmos são denominados de Surdos incluídos. Na maioria dessas circunstâncias, lamentavelmente, o estudante Surdo é compreendido como um sujeito ouvinte, tendo que acompanhar a metodologia e os materiais planejados para ouvintes (SILVA; PEREIRA, 2003). Isto é, os conteúdos são realizados sem que alguma condição específica seja facilitada para a aquisição de conhecimento. A esse respeito, Sousa (2011, p. 5-6) afirma que:

A inclusão da forma como está posta tem possibilitado a um número significativo de Surdos o acesso à escola, no que corresponde ao espaço físico, mas eles continuam sem acesso à educação. Os surdos permanecem amargando o constrangimento de estarem em uma sala de aula - palco por excelência da aprendizagem -, alheios ao saber que circula nesse espaço.

De acordo com Almeida, Tissi e Oliver (2000), sendo a escola um local de sociabilidade, incumbida de intermediar a compreensão e a apreensão do que se entende por cultura e pelo o contexto social de cada estudante, vem ao longo do tempo se modificando em vários aspectos inclusive, no que diz respeito às pessoas com deficiência, as quais eram tidas a pouco tempo como seres invisíveis socialmente.

O estudante Surdo é como qualquer outro estudante sem deficiência, com dúvidas, medos, limitações, mas que, ao ser trabalhado adequadamente, esses fantasmas desaparecem dando espaço ao desenvolvimento intelectual e, assim como afirma Santoro (1996).

Segundo Quadros e Schmiedt (2006) as estratégias para a aprendizagem da L2, no caso das pessoas Surdas, devem ser pautas em recursos visuais, uma vez que esses sujeitos percebem o mundo por meio da visão. Assim, o professor bilíngue precisa adequar o currículo escolar em uma perspectiva visual espacial garantindo o acesso dos conteúdos escolares por todos e usar a Língua de Sinais, pois ela é o instrumento de comunicação do estudante Surdo (FERNANDES, 2010). É importante ressaltar que:

[...] a educação bilíngue depende da presença de professores bilíngues. Assim pensar em ensinar uma segunda língua pressupõe a existência de uma primeira língua. O professor que assumir esta tarefa estará imbuído

da necessidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais (QUADROS, 2008, p 19).

Para Sousa (2014), a educação bilíngue é uma abordagem educacional que respeita e atende às peculiaridades educacionais desses indivíduos. Outrossim, dentro de um modelo de educação bilíngue, o docente cria estratégias que envolvam a Libras e a Língua Portuguesa escrita.

Comprendemos que não é o Surdo que deve ser reconstruído para adaptar-se à educação dos ouvintes, mas o sistema educacional é que deve ser reformulado para atender as diferenças e as necessidades da sociedade de maneira geral. De acordo com o Decreto nº 28.587 de 11/02/2015, no Art. 4º, No inciso 1º, para atuar na regência das salas regulares bilíngues, o profissional de educação, além da habilitação na área de atuação, deverá apresentar domínio da Libras. A comprovação do domínio da Libras deverá ser realizado através de certificação ou de avaliação prática realizada pela Divisão de Educação Especial – DEE.

Segundo Santos, Silva e Sousa (2013) o que se discute sobre o letramento e alfabetização das crianças surdas no Brasil, ainda se depara em veredas solitárias e cheias de perguntas que os docentes e estudantes procuram respostas. Percebe-se de acordo com o que está exposto sobre a alfabetização e o letramento das crianças ouvintes que estão no caminho certo. Pois, existe uma gama de estratégias e recursos didático-metodológicos à disposição dos docentes, facilitando assim, a aprendizagem dos mesmos. Entretanto, as crianças Surdas não têm essa vantagem, e seus olhos fazem o papel dos seus ouvidos, por isso elas necessitam de todos os recursos visuais possíveis.

Nesse contexto, o uso da Libras em momentos de leitura e escrita da Língua Portuguesa é decisivo para as crianças Surdas, pois facilita a aprendizagem. O domínio da língua de sinais auxilia no processo de apropriação da escrita, já que o sujeito cria uma imagem da palavra escrita em Língua Portuguesa, partindo do sinal já conhecido na sua língua, Libras (SANTOS; SILVA; SOUSA, 2013).

A respeito dos recursos visuais necessários para o letramento das crianças Surdas, Sousa e Mourão (2012, p. 29) afirmam que:

As imagens precisam ter significado, não se trata apenas de usá-las como ornato, deve-se sondar o que e como foi compreendido por esse público. Quando necessário, abrir-se a uma nova explicação, usando outras perspectivas, acompanhando a apreensão do mundo a partir do que visualmente se apresenta.

Essa é mais uma dificuldade a ser considerada no processo de letramento do Surdo, nem todo material construído na intencionalidade de auxiliar no letramento dos estudantes Surdos são adequados para desenvolver as competências de leitura e produção da escrita na Língua Portuguesa. É nesse sentido que esse estudo buscou analisar o que as professoras de salas regulares bilíngues pensam sobre letramento para Surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos dados obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada com duas professoras que lecionam em salas regulares bilíngues para Surdos, as quais serão chamadas de D1 e D2 respectivamente, dividimos os resultados em duas categorias: a) perfil dos professores lotados nas salas regulares bilíngues para Surdos; b) concepção dos docentes sobre letramento para Surdos.

O quadro a seguir, caracteriza o perfil das professoras que participaram do estudo, quanto à formação, nível de conhecimento na Libras, tempo de atuação no magistério e tempo de atuação na sala regular bilíngue para Surdos.

Quadro 1: Perfil das docentes participantes da pesquisa

Docentes	D1	D2
Formação	Graduação em Fonoaudiologia e Pedagogia Especialização em Educação Especial	Graduação em Geografia e Pedagogia Especialização em: Gestão Ambiental, Libras e Educação para Surdos.
Nível de conhecimento na Libras	Intermediário	Intermediário
Tempo de atuação no magistério	24 anos	4 anos
Tempo de atuação na sala regular bilíngue para Surdos	4 anos	2 anos e 8 meses

Fonte: Zenilza Maria Ferreira de Lima, Maria Luíza Nascimento Carneiro e Wilma Pastor de Andrade Sousa – 2019.

Mediante as informações contidas no Quadro 01, constatamos que D1 e D2 têm duas graduações, bem como que Pedagogia foi o segundo curso de ambas. Outro fato curioso é que tanto D1 como D2 investiram em cursos de especialização voltados para a pessoa com deficiência, sendo que D2 fez um investimento mais focado para educação de Surdos. Isso corrobora com a exigência estabelecida no Decreto 28.587 de 11/02/2015, quanto ao perfil exigido para os docentes de salas regulares bilíngues para Surdos.

A seguir apresentaremos os resultados e discussões da entrevista realizada com as duas voluntárias participantes.

Quadro 02- Concepção das docentes sobre letramento para Surdos

Respostas das Entrevistadas	Docentes
O processo de letramento do estudante surdo deve levar em consideração as duas línguas (Libras 1ª língua e língua portuguesa escrita como 2ª língua).	D1 e D2
O surdo percebe e compreende o mundo visualmente, logo o letramento deve respeitar esse princípio.	D1 e D2
O letramento é um direito do surdo.	D2
O letramento possibilita autonomia para o surdo.	D2

Fonte: Zenilza Maria Ferreira de Lima, Maria Luíza Nascimento Carneiro e Wilma Pastor de Andrade Sousa – 2019.

No Quadro 02 foram pontuados os aspectos relevantes da concepção dos professores das salas regulares bilíngues sobre letramento para Surdos. Na primeira resposta, as entrevistadas demonstram ter a compreensão da importância do bilinguismo para que o processo de letramento se efetue, conforme é descrito por Quadros (2008) e Sousa (2014), já que ambas consideram as duas línguas (Libras como 1ª língua, e língua portuguesa escrita como 2ª língua) como importantes nesse processo.

Na segunda resposta, D1 e D2 têm a compreensão de como o estudante surdo compreende o mundo, visualmente, isso é crucial para que se pense em estratégias metodológicas de como o letramento deve ser trabalhado, essa compreensão também é defendida por autores como Quadros e Schmiedt (2006).

É interessante destacar a fala de D2 na terceira e quarta respostas ao afirmar que o letramento é um direito do surdo e que isso possibilita a autonomia desses indivíduos, isso mostra a compreensão que D2 tem sobre a necessidade de o surdo ter acesso à educação de qualidade, como ser reflexivo, autônomo e não como alguém que apenas decodifica as palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar qual a concepção dos professores de salas regulares bilíngues para surdos sobre letramento nas séries iniciais do ensino fundamental; além de traçar o perfil de professores lotados em salas regulares bilíngues para Surdos.

Os dados revelaram que as professoras cursaram Pedagogia como segunda Graduação. Isso mostra que houve um interesse em se tornar aptas para exercer o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental, já que uma participante desse estudo cursou primeiro Fonoaudiologia e a outra Geografia.

Chama-nos a atenção no perfil dessas docentes, a busca por formação continuada, visto que D1 fez especialização em Educação Especial e D2 em Libras e Educação para Surdos. Houve realmente um interesse em se qualificar na área de educação para Surdos, visto que D2, por exemplo, havia cursado Geografia.

É importante ressaltar que os dados apontam para o fato de que as professoras entrevistadas demonstraram ter clareza acerca de letramento para Surdos, uma vez que elas destacaram a importância da língua de sinais como primeira língua no processo de letramento.

Além disso, elas concordam que a L1 é de extrema relevância para os estudantes Surdos, pois é a língua natural desses sujeitos. A L2 na modalidade escrita é importante para que o sujeito tendo em visto que a Libras não substitui a Língua Portuguesa escrita.

Acreditamos que novas pesquisas poderão ser feitas no sentido de explorar mais a temática do letramento para Surdos, sobretudo acerca das estratégias utilizadas pelos professores bilíngues.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C.; TISSI, M. C.; OLIVER, F. C. **Deficiência e atenção primária em saúde: do conhecimento à invenção.** Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v.11, n.1, p.33-42, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n40/aop1212.pdf>.
- ARANTES, A. C. F. F. S.; PIRES, E. M. **A importância da formação do professor bilíngue na educação do surdo.** Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia, Goiás, v. 3, n. 3, p. 109-119, 2012.
- BARDIN. Laurence **Análise de conteúdo.** Lisboa Portugal edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024).** --
_____. Decreto nº. 28587 de 11 de fevereiro de 2015. **Institui as salas regulares bilíngues para surdos na Rede Municipal de Ensino do Recife.** Disponível em:

<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543>. Acesso em: 10-08-2019.

Acesso em: 05-08-2019.

BRITO, L.F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: BABEL Editora, 1993.

Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=281221>

FERNANDES, Eulália. **Surdez e bilinguismo**. Org.: Ronice Muller de Quadros... [et al.] – Porto Alegre: Mediação, 2010.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 2001.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MELETTI, S. M. F; BUENO, J. G. S. **Escolarização de alunos com deficiência: uma análise dos indicadores sociais no Brasil (1997-2006)**. In: Reunião anual da ANPED, 33., 2010, Caxambú. Anais... Rio de Janeiro: ANPED, 2010.

QUADROS, Ronice Muller; SCHMIEDT, Magali. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____. **Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 26, n. 69, p. 141-161, ago. 2008.

SANTORO, B. M. R. **Contando histórias, programando o ensino: a literatura na pré-escola com alunos surdos**. Campinas: PUCCAMP. 1996.

SANTOS, Dalila Carneiro, SILVA, Isabella Cristina Gomes; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. **A relação entre a língua de sinais e o processo de alfabetização de crianças surdas**. Belo Horizonte: ABALF, 2013.

SILVA, A. B. P; PEREIRA, M. C. C. **A imagem que professoras de escola regular têm em relação à aprendizagem do aluno surdo**. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 20, n. 2, p. 5-13, ago. 2003.

SOUSA, W. P. A. **A inclusão da pessoa surda: especificidades no âmbito educacional**. In: Segundo Seminário Internacional Sobre Exclusão, Inclusão e Diversidade. João Pessoa, 2011. ISBN: 978-85-7745-657-4.

_____; MOURÃO, Carlos Antônio Fontenele. **Alfabetização da pessoa surda: desafios e possibilidades**. In: **A alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva**. PNAIC, 2012 (p. 28 a 32).

_____. **Alfabetização de crianças surdas na perspectiva do letramento**. In: **Letramento e inclusão**. PNAIC Paraíba. Evangelina M. B. Faria (Org) Editora UFPB, 2014.